

**Contribuição à análise da coleção Karajá do  
Museu Dom Bosco**

*Contribution to the analysis of the Karajá collection  
of the Dom Bosco Museum*

SÍLVIO ROBERTO MARTINS<sup>1</sup>  
EMÍLIA MARIKO KASHIMOTO<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Historiador – UCDB/Museu Dom Bosco.

<sup>2</sup> Doutora em Arqueologia, Curadora da Coleção Arqueológica do Museu Dom Bosco/UCDB; Pesquisadora MCT/CNPq.

## **RESUMO**      **ABSTRACT**

Este artigo apresenta dados relativos aos Karajá e suas manifestações de cultura material, visando contribuir no processo de catalogação da coleção etnográfica do Museu Dom Bosco. Essas manifestações técnicas são compostas por utensílios, adornos, instrumentos diversos, cerâmicas, fotos e as tradicionais bonecas de cerâmica. Esses artefatos, adornos e utensílios da referida coleção correspondem aos costumes deste povo, portanto, este artigo objetiva a análise dos objetos expostos na coleção etnográfica do Museu Dom Bosco, os quais referenciam a cultura dos Karajá.

*This article presents data relating to the Karajá and their material culture manifestations, in the scope of contributing for the process of cataloguing the Ethnographic Collection of the Dom Bosco Museum. These technical manifestations are composed of utensils, ornaments, diversified instruments, ceramics, photos and the traditional ceramic dolls. These art crafts, ornaments, and utensils from the collection relate to the costumes of the people Karajá, therefore this article is objective to the analysis of the objects exposed in the Ethnographic Collection of the Dom Bosco Museum relating solely to the Karajá Culture.*

## **PALAVRAS-CHAVE**      **KEY WORDS**

Cultura material  
Coleção Karajá  
Museu Dom Bosco

*Material culture  
Karajá collection  
Dom Bosco Museum*

## INTRODUÇÃO

Os acervos etnográficos testemunham manifestações culturais de sociedades indígenas. Face à rápida sucessão na ocupação de territórios desses povos, pela sociedade envolvente, e os conseqüentes impactos nas culturas tradicionais, ressalta-se a importância da conservação de coleções etnográficas em museus, referenciando representações culturais de povos indígenas.

O Museu Dom Bosco foi fundado pela Missão Salesiana de Mato Grosso-MSMT, visando, inicialmente, a preservação da cultura material de povos indígenas, com os quais parte dos missionários entraram em contacto. A inauguração oficial desse museu ocorreu em 1951, nas dependências do Colégio Dom Bosco. No ano de 1977, o acervo do museu foi transferido para o seu atual espaço, com reformulação e definição das coleções: *etnográficas* - Bororo, Xavante, Karajá, Moro e “civilizações” do Rio Uaupés; *zoológicas* - moluscos, animais taxidermizados, borboletas e insetos; *arqueológica, mineralógica e paleontológica*, caracterizando-se, assim, como um Museu de História Natural.

Em sua estruturação atual, esse museu caracteriza-se pelo volumoso acervo em exposição, composto por, aproximadamente, 40.000 peças. A coleção Karajá abrange 548 peças e 31 fotos, contando-se, apenas, com dados preliminares relativos à sua catalogação.

Dessa forma, esse trabalho abrange uma revisão bibliográfica e caracterização preliminar das peças Karajá, visando contribuir para esse processo de catalogação de acervo.

## CULTURA KARAJÁ

A Ilha do Bananal, entre os Estados de Tocantins e de Mato Grosso, é a maior ilha fluvial do mundo, abrangendo uma área estimada em dois milhões de hectares. Nesse contexto, às margens do Rio Araguaia, localizam-se, primordialmente, os Karajá. De acordo com Braggio (1997), atualmente, essa etnia divide-se em três grupos:

- grupo *Karajá*, formado pela comunidade de *Aruaná*, em Goiânia, com aproximadamente setenta pessoas; pelas aldeias Santa Isabel

do Morro, Fontoura, Macaúba e São Raimundo, no oeste da ilha do Bananal; por aldeias menores como São Domingos e outras duas nas proximidades do Rio Tapirapé, além de pequenos grupos nas cercanias da ponta norte da ilha. Esse grupo totaliza, aproximadamente, 1.500 pessoas;

- grupo Javaé, nas margens do Rio Javaé (afluente do Araguaia, que contorna a margem oriental da Ilha do Bananal) e no interior da ilha; abrange cerca de 841 pessoas, distribuídas em seis comunidades nos municípios de Formoso do Araguaia, Cristalândia e Araguaçu;
- grupo Xambioá, localizado no baixo Araguaia, é composto por duas aldeias com 202 indivíduos.

A demografia Karajá é referenciada pelos seguintes dados apresentados por Fortune (1998):

População Karajá				Ano	Fonte
Karajá	Javaé	Xambioá	TOTAL		
---	---	---	7.000 a 8.000	1775	Fonseca, 1920
815	---	---	---	1908	Krause, 1908: 238
795	---	---	---	1939	Lipkind, 1948: 180
1.406	---	---	---	1980	Toral, 1992: 27
1.588	---	---	---	1990	Toral, 1992: 41
1.900	750	250	2.900	1995	Isa, 1996: VII
± 1.500	± 841	202	± 2.593	1997	Braggio, 1997

A aldeia Karajá é caracterizada pela constituição de uma rua, com várias casas de um lado e de outro, enfileiradas aos pares, em duas linhas retas paralelas ao rio. As casas têm formato quadrangular, são feitas de madeira roliça e cobertas de sapé ou folhas de coqueiro trançadas; possuem um só cômodo, que serve de quarto, sala e cozinha.

A cultura material Karajá envolve técnicas de construção de casas; canoas; arcos e flechas, cacetes, lanças; tecelagem de algodão; adornos plumários; artefatos de palha, madeira, minerais, conchas (madrepérola), cabaça, córtex de árvores e peças de cerâmicas.

Caracterizando-se como exímios nadadores, pescadores e canoieiros, os Karajá se alimentam, principalmente, de peixe, de preferência o pirarucu, abundante na região; também apreciam o mel silvestre, além de iguana, tracajá, tartaruga e algumas aves, tais como as araras, jaburus e colhereiros, das quais aproveitam as penas para confecção de adornos rituais. Esse povo utiliza o pilão para triturar grãos. O alimento predileto dos Karajá é o “calogi”, composto por mandioca, milho verde e inhame cozidos em grandes panelas de cerâmica, segundo Lima (1994).

A cerâmica Karajá é produzida com a argila cinzenta, coletada nas margens fluviais, adicionando-se cinzas da árvore “cega-machado” (*Lythraceae, Physocalymma*). A cerâmica, composta por vasilhas maiores servia para a preparação de alimentos, em rituais, assim como para uso funerário.

Considerando-se a confecção de bonecas (*litxokô* - figura 1), a cerâmica Karajá pode ser dividida em duas fases, de acordo com Lima (1994). Na primeira fase, antes de 1940, as bonecas não eram queimadas, tinham pintura sóbria e pequeno porte; compunham figuras isoladas e em pé, com os braços junto ao corpo e cabelo representado por um cilindro de cera; essas bonecas eram brinquedos para as crianças. Após 1940, segunda fase, as bonecas passaram a ser submetidas a processo de cozimento, compondo peças de tamanhos variados, em grupo, sentadas, mais coloridas, com cabeleira pintada; ganharam, com isso, movimentos e passaram a compor cenas do cotidiano – como a preparação de alimentos – incluindo-se a presença de animais e barcos.

A confecção das bonecas de cerâmica é atividade das mulheres; às vezes, estas confeccionavam bonecas de madeira, com as mesmas características das de cerâmica, segundo Melatti (1993).

De acordo com Fenélon (1968), as bonecas são confeccionadas, atualmente, apenas pelo sub-grupo Karajá, e continuam tendo, como outrora, função lúdica para as crianças; conjuntamente, as bonecas constituem-se instrumentos de socialização das meninas, pois representam acontecimentos da vida cotidiana e aspectos das manifestações culturais tradicionais, tais como pintura corporal, tatuagem, vestuário e adornos. A distinção de sexo das bonecas era representada por meio de

adornos, pinturas, indicação de cabeleira, órgão sexual e a tradicional tanga líber. A representação do umbigo era utilizada como ponto de divisão do corpo para pinturas corporais.

Com os contatos culturais e conhecimento de outras técnicas, dentre outros fatores, a confecção destas bonecas foi se diferenciando do padrão inicial. Atualmente, as bonecas Karajá são muito visadas para o comércio – motivo de grande interesse dos turistas que visitam as aldeias Karajá, de modo especial nas temporadas “das praias” do Rio Araguaia. É muito comum a venda de cerâmica Karajá em lojas de artesanato e museus, tornando-se mais um meio de subsistência do grupo.

Outros motivos, tais como o aspecto de gregas – riscos em forma de zigzag e inspirados na fauna –, caracterizam o trançado da cestaria, produzida tanto pelos homens quanto pelas mulheres, segundo Susnik (1996).

A cestaria Karajá possui vários tipos de trançado e técnicas, são utilizadas para diversos fins, rituais, utensílios domésticos, entre outras atividades.

A cestaria Karajá, além dos aspectos técnicos ligados à sua confecção, enquanto produto manufaturado, e como qualquer categoria da cultura material, oferece ao pesquisador possibilidades de observá-la em suas vinculações com a sociedade que a produziu... (Taveira, 1983, p. 37).

A pintura corporal é realizada pelas mulheres, processando-se, diferentemente nos homens, de acordo com as categorias de idade. São utilizados sumo do jenipapo, fuligem de carvão e o urucum. Alguns dos padrões mais comuns são as listas e faixas pretas nas pernas e nos braços; as mãos, os pés e as faces recebem pequeno número de padrões representativos da natureza, de modo especial a fauna, conforme Zoladz (1987).

Logo no início da puberdade, indivíduos de ambos os sexos na tribo Karajá passam por uma cerimônia de tatuagem: um carimbo confeccionado com pedaço de cuia assinala dois círculos nas bochechas; em seguida, recorta-se com uma pedra pontiaguda ou dente de peixe-morcego, formando um corte superficial, no qual aplicam fios

de algodão para cessar o sangramento e, logo em seguida, esfrega-se jenipapo, dando um tom azulado na cicatriz, comum nos Karajá.

Dentre os grandes rituais Karajá, destaca-se o *Hetohokÿ*, rito de iniciação masculina, que marca a passagem de meninos a rapazes, responsáveis pela caça, pesca e roça, estando assim aptos a se casarem e a assumirem seu papel social na aldeia, o qual envolve prática de lutas rituais, busca do gado rebelde no cerrado, venda de peixes, animais e artesanato nas cidades para sustentar sua futura família, segundo Lima (1994). Nesta festa, ocorre a preparação de enfeites, construção de casas, estoque de alimentos, tudo pronto para receberem os conterrâneos. Estes preparativos ocorrem na Casa dos Homens, por isso, a cerimônia do *Hetohokÿ* está sempre ligada a Aruanã.

Segundo esse mesmo autor, a Festa de Aruanã, assim denominada em referência ao peixe aruanã, considerado sagrado, é outro grande ritual Karajá. Apresentando ciclos anuais, baseados na subida e descida do rio Araguaia, a dança de Aruanã é realizada em noite enlustrada. Em noite de lua cheia, os índios evocam o peixe aruanã, pedindo-lhe muitos peixes, boa caça e farta colheita. No final, os dançadores que representam Aruanã seguem com as mulheres para a aldeia ou casa delas. Os índios vão dançando e dando pulos, depois voltam para casa de Aruanã, finalizando a dança com alguns pulos violentos, simbolizando amor, vitória e guerra. Todos os movimentos são feitos ao som de chocalhos, maracás e cantos tristes e alegres.

O casamento Karajá é, geralmente, monogâmico, sendo realizado após rito de iniciação. As moças não costumam olhar para as pessoas com quem estão conversando; segundo os homens Karajá, quando a mulher olha nos olhos de um homem é sinal de casamento; quem escolhe o marido para a filha é a mãe e, ao casar, o homem passa a fazer parte do grupo local de seu sogro.

O nascimento de uma criança entre os Karajá é marcado socialmente pela regra da tecnonímia, isto é, quando os pais deixam de ser chamados pelos nomes próprios e passam a ser conhecidos como o pai ou a mãe de alguém. No caso do homem, o novo pai passa para uma outra categoria masculina.

Na tribo Karajá, o papel dos homens e das mulheres são divididos: aos homens cabe a defesa do território, a abertura das roças, as pescarias, as construções das casas de moradia, as discussões políticas formalizadas na Casa de Aruanã, a negociação com a sociedade nacional e a condução das principais atividades rituais, já que eles equivalem simbolicamente à importante categoria dos mortos. Todas as cerimônias Karajá estão relacionadas com os mortos, pois eles crêem que existe uma aldeia em cada cemitério e que os mortos os acompanham nas caçadas, pescarias, roça, guerra e na cura de doenças. As mulheres são responsáveis pela educação dos filhos, até a idade de iniciação para os meninos e de modo permanente para as meninas; pelos afazeres domésticos, como cozinhar e colher produtos da roça; pelo cuidado com o casamento dos filhos e pela confecção das bonecas de cerâmica.

Os mitos abordam temas muito variados como: a origem, o extermínio e o recomeço dos Karajá, a origem da agricultura, o veado e o fumo, a origem da chuva, a origem do sol e da lua, o mito de origem dos *Aruanãs*, as mulheres guerreiras, a origem do homem branco, entre muitos outros. Normalmente, estes mitos estão associados aos rituais e a temas sociais, como o papel dos gêneros, o casamento, o xamanismo e o poder político; as doenças e a morte, o parentesco, as plantações, as pescarias e o contato com os brancos, segundo Lima (1994).

## **ACERVO KARAJÁ DO MUSEU DOM BOSCO**

O acervo Karajá do Museu Dom Bosco foi adquirido por Missionários Salesianos, principalmente pelo Pe. João Falco (SDB), que, através de viagens, permutas, compras, doações, adquiriu peças e com algumas pesquisas organizou este acervo. A coleção ocupa cerca de 16 m<sup>2</sup>, com 611 peças e 31 fotos, na qual se pode encontrar vários tipos de bonecas de cerâmica, em forma de animais (zoomorfas) e de humanos (antropomorfas), canoas de cerâmica com animais dentro, vasos de cerâmica em miniatura, painéis de cerâmica, brincos, enfeites para a cabeça, lanças, banco, maracás, tanga, arco e flecha, entre outros utensílios e adornos. As fotos são antigas e em preto e branco, mostram as representações de pintura corporal, construção de casas, cerâmicas fúnebres e cotidiano (Tabela 1).

Com a dificuldade de captura das araras, a elaboração da arte plumária tem sido reduzida na sua variedade, permanecendo apenas alguns enfeites, como o *lori-lori* (Figura 2) e o *aheto* ou *raheto*, muito usados no ritual de iniciação dos meninos, segundo Ribeiro (1987).

A boneca de cerâmica era confeccionada para uso lúdico, representa os aspectos sociais de seu grupo, como a pintura corporal, tatuagem, vestuário e adornos, a distinção de sexo é feita por adornos, pinturas, cabelo, pelo órgão sexual e a tradicional tanga líber. Sendo assim, as bonecas são representações do estilo étnico Karajá, que se tornaram “marca registrada” desta tribo, segundo Ribeiro (1987).

Os Karajá experimentaram fluxos e refluxos de um contato secular com os brancos, vivenciaram fatos históricos que mudaram a trajetória de suas vidas. O progresso, para os não-índios, muitas vezes, causou e ainda causa o regresso da comunidade indígena. As devastações no meio-ambiente ocasionam a destruição da fauna e flora, causando a falta de alimentos e impondo limites territoriais aos índios, trazendo para sua cultura hábitos que influenciam de maneira negativa e colocam em risco suas características culturais e, principalmente, sua identidade. Dessa forma, manifestações culturais de diversas etnias passam a ser, em determinadas situações, somente sinalizadas em livros, filmes e coleções etnográficas preservadas em museus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Lidiamar B.; KASHIMOTO, Emília M. *Projeto Reestruturação e revitalização da exposição permanente da coleção etnográfica do Museu Dom Bosco*. Campo Grande: Museu Dom Bosco/UCDB, 2001. (não publicado)

LIMA, Manuel Ferreira. *Hetohoký: um rito Karajá*. Goiânia: UCG, 1994.

MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.

RIBEIRO, Berta G. *Suma etnológica brasileira*. 2 - Tecnologia Indígena. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1987.

SUSNIK, Branislava. *Interpretación etnocultural de la complejidad sudamericana antigua*. Asunción: Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, 1994.

TAVEIRA, Edna Luísa de Melo. *Etnografia da cesta Karajá*. Goiânia: UFG, 1982.

\_\_\_\_\_. *Museu: expressão de vida*. Goiânia: Cegraf-UFG, 1988.

VIDAL, Lux. *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

ZOLADZ, Rosa W. Vel. *Desenhos espontâneos Karajá*. Rio de Janeiro: Universitária Santa Úrsula, 1987.

**FIGURA 1:** Boneca de cerâmica

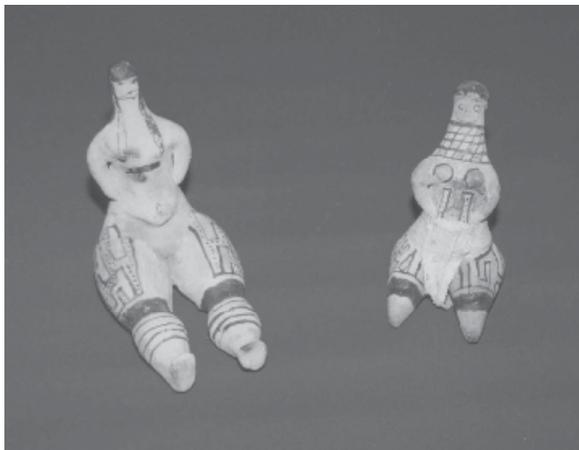


Foto: Sílvio Roberto Martins

**FIGURA 2:** Lori-iori



Foto: Sílvio Roberto Martins

**TABELA 1:**

<b>PEÇA</b>	<b>QUANTI- DADE</b>	<b>PEÇA</b>	<b>QUANTI- DADE</b>
BONECAS	216	BOLSA DE PASSEIO	2
ESTATUETA	80	PULSEIRA	1
PEÇAS SEM ETIQUETA	17	PITO	3
BRINCOS	35	TOUCAS	49
PENTE	8	TANGA	45
COLAR	1	CINTO	3
MARACÁ	26	ENFEITE DE CABEÇA	21
POTE	18	FLECHA	39
SUPORTE DE PANELA	3	LANÇA	12
BONECOS ZOOMORFOS	5	PARICO	5
PANELA	1	ARCO	8
CESTO	6	CACETE	59
FAIXA FEMININA	1	REMO	7
PITEIRA	6	BARQUINHO	6
BRACELETE	3	BORDUNA	3
TORNOZELEIRAS	2	PAU SANTO	1
BARCO COM BONECO	2	-	-